

CORREIO NO MUNDO

Molly Riley/ Casa Branca



Trump atendeu imprensa no Salão Oval da Casa Branca

Trump diz que não vai enviar soldados ‘a lugar nenhum’

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, afirmou que “não vai enviar soldados para lugar algum”, mas que, se fosse, não comunicaria à imprensa. Trump fez a afirmação na Casa Branca durante encontro com a primeira-ministra do Japão, Sanae Takaichi.

O presidente não deixou claro se isso significa que não haverá operação terrestre com envolvimento dos EUA no Oriente Médio. Ele voltou a justificar a guerra contra o Irã, que está em seu 20º dia, e disse que o país persa “representa uma ameaça para o Oriente Médio, mas também para todo o mundo”. Em entrevista ao New York Post, por exemplo, Trump já havia dado versão diferente sobre a possibilidade de invadir o Irã por terra.

Tropas terrestres em pauta

Eu não fico com medo de enviar tropas terrestres —tipo, como todo presidente diz: ‘Não haverá tropas no solo.’ Eu não digo isso. Eu digo ‘provavelmente não precisamos delas’ ou ‘se elas fossem necessárias’”, disse Trump ao The New York Post. Apesar das constantes negativas, na prática, os EUA enviaram na semana passada fuzileiros navais para o Oriente Médio. Este foi o primeiro deslocamento de forças usadas em operações terrestres para a guerra.

Cabinet Public Affairs Office via Wikimedia Commons



Sanae Takaichi teve reunião com Donald Trump

Comparação com Pearl Harbour

Ainda no Salão Oval, Trump foi questionado por um repórter japonês acerca do motivo pelo qual o governo americano não avisou os aliados europeus e asiáticos sobre os ataques no Irã. O republicano, que não pediu autorização nem do Congresso dos EUA para iniciar a ofensiva, retrucou dizendo: “Quem sabe melhor que o Japão em surpreender, não é mesmo? Por que vocês me avisaram sobre Pearl Harbor?”. A comparação é uma referência ao ataque militar surpresa do Império Japonês contra os Estados Unidos na base naval de Pearl Harbor, no Havaí, durante a Segunda Guerra Mundial.

Manter o elemento surpresa

“Quando entramos, entramos para valer. Queremos surpreender e, por causa dessa surpresa, nos primeiros dias já antecipamos 50% [dos objetivos]. Se eu falar a todos, não é mais uma surpresa”, disse Trump. Segundo o The New York Times, o Pentágono solicitou ao Congresso US\$ 200 bilhões (R\$ 1 trilhão) para financiar a guerra.

Por Isabella Menon (Folhapress)

Operação no México

Ao menos 11 pessoas foram mortas no oeste do México durante operação de segurança que tinha como alvo residência ligada à facção Los Mayos, do poderoso cartel de Sinaloa, afirmou a Marinha do país. Omar Oswaldo Torres, conhecido como “El Patas”, um dos líderes da facção, foi detido durante a operação, disse a Marinha.

Ao menos 11 mortos

As autoridades mexicanas não identificaram nenhuma das pessoas mortas na ação, que seriam suspeitas de integrar o cartel. A Marinha afirmou ainda que seus agentes foram atacados após chegarem ao local no estado de Sinaloa, e que “em conformidade com o marco legal, repeliram o ataque”.

Armas táticas

A Força mexicana também informou que localizou a filha de um chefe criminoso durante a operação, mas ela foi entregue à família após ser determinado que não tinha vínculos com atividades ilegais.

A Marinha também disse ter apreendido armas de alto calibre e táticas no local.

Guerra de facções

O chefe da organização é Ismael “El Mayo” Zambada, que está preso nos Estados Unidos, segundo o governo mexicano. O grupo trava disputa com a facção liderada pelos filhos de Joaquín “El Chapo” Guzmán, também preso nos EUA. Washington tem pressionado o México para combater os grupos narcotraficantes.

El Mencho

Em fevereiro, outra operação militar mexicana matou Nemesio Oseguera, conhecido como “El Mencho”, líder do Cartel Jalisco Nova Geração, durante uma ação no estado de Jalisco. “El Mencho” era o líder de longa data de um dos cartéis mais poderosos do México. Ele era considerado um dos criminosos mais violentos do país.

Onda de violência

Os EUA ofereciam uma recompensa de US\$ 15 milhões (R\$ 78 milhões) por informações que pudessem levar até ele. A operação desencadeou uma onda de violência em todo o México. Em 20 estados, incluindo Jalisco, houve bloqueio de rodovias com carros em chamas e incêndios em supermercados, bancos e veículos.



Oviedo apoia a interferência dos EUA na América do Sul

Oviedo se firma como apoiador no DEA na Bolívia

Bolívia virou santuário para narcos do Brasil, disse Oviedo

Por Folhapress

Chefe da segurança pública na Bolívia, Marco Antonio Oviedo afirma que a nação convive com o “grave problema” de ser retaguarda para narcotraficantes do Brasil.

“Muitos desses delinquentes fazem do país um santuário, um acampamento, e estamos começando a expulsá-los”, diz à reportagem. “Eles têm documentos falsos e tudo”, segue o ministro, sobre os criminosos que pertencem a grupos como o Primeiro Comando da Capital (PCC) e o Comando Vermelho (CV).

Oviedo menciona o esquema para argumentar sobre a importância da colaboração entre as agências de segurança bolivianas e brasileiras. Durante visita do presidente boliviano, Rodrigo Paz, ao Brasil nesta semana, os dois países assinaram um acordo para fortalecer ações de cooperação e coordenação contra o crime organizado transnacional.

Questionado sobre a possibilidade de a Bolívia declarar o PCC e o CV organizações terroristas, diz que esse plano não está colocado. Pondera, no entanto: “O crime de tráfico de entorpecentes não vem sozinho, mas acompanhado de outros crimes, entre eles o terrorismo. O Equador é o exemplo mais claro.”

“E o Brasil?”, pergunta a reportagem.

“O caso do Brasil também. Mas, no do Equador, fica ainda

mais claro: era um país que, há 20 anos, não tinha plantações de coca [base da cocaína], nem narcotráfico, era um país tranquilo. Então chega o narcotráfico e começa o terrorismo, o assassinato de candidatos à eleição...”

Oviedo tem sido um dos principais artífices do retorno da DEA, a agência antidrogas dos EUA, à Bolívia. A agência tem nove escritórios hoje na América do Sul (três no Brasil), nenhum deles na Bolívia.

Há 17 anos, Evo Morales, o primeiro líder indígena do país e hoje alvo de acusações criminais, expulsou a agência da Bolívia e o embaixador dos EUA. Desde então nenhum outro embaixador americano foi enviado ao país, e as relações comerciais sempre foram lideradas por encarregados de negócios —na linguagem diplomática, um evidente sinal de rusgas.

É tudo que o governo de Rodrigo Paz, que assumiu em novembro passado rompendo duas décadas de governo de esquerda no país, quer mudar. Oviedo diz que o país quer ampliar a cooperação bilateral com várias agências de inteligência, do Brasil inclusive. “Em particular, com a DEA, temos boa relação e queremos mais”, afirma.

Sobre a possibilidade da instalação de escritórios da agência americana em território boliviano, diz que cabe a Washington dizer como quer que a DEA esteja presente ali. “Da nossa parte, vamos facilitar o trabalho deles”.